REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA SAÚDE INDÍGENA: REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO AMAZONAS

NURSING PRACTICE IN INDIGENOUS HEALTH: AN INTEGRATIVE REVIEW OF CHALLENGES AND CARE STRATEGIES IN PRIMARY HEALTH CARE IN AMAZONAS, BRAZIL

Ciências da Saúde • 24/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795425266

Gleice Natalia dos Santos[1]

Jessica da Silva Santos[2]

Ecson Gama Braga[3]

RESUMO

A atuação da enfermagem na saúde indígena exige competências técnicas e interculturais, associadas à compreensão das condições territoriais e da organização dos serviços. Este estudo teve como objetivo analisar os desafios e as estratégias de cuidado relacionados à atuação da enfermagem na Atenção Primária à Saúde indígena no Amazonas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. As buscas foram realizadas na SciELO, na Biblioteca Virtual em Saúde e no PubMed, utilizando combinações das palavras-chave saúde indígena; enfermagem; Atenção Primária à Saúde; Amazonas; desafios e cuidado intercultural; Foram consideradas publicações de 2022 a 2026; priorizando estudos realizados no Amazonas e utilizando pesquisas de outros contextos como fundamentação complementar; As informações foram organizadas em três eixos: barreiras territoriais e organização assistencial; comunicação intercultural e formação profissional; e estratégias de qualificação e participação indígena; Os resultados evidenciaram dificuldades de deslocamento; limitações estruturais; sobrecarga profissional; barreiras linguísticas e problemas de articulação entre os serviços; A literatura também destacou a necessidade de reconhecer os conhecimentos tradicionais e de fortalecer a formação para o cuidado culturalmente adequado; Entre as estratégias discutidas; identificaram-se educação permanente; planejamento territorial; comunicação inclusiva; uso das informações de saúde e participação comunitária nas decisões; A diversidade dos contextos e dos desenhos dos estudos limitou a generalização dos achados; Conclui-se que a qualificação da enfermagem na saúde indígena requer condições adequadas de trabalho; integração da rede e protagonismo indígena; articulando segurança clínica; respeito à diversidade cultural e continuidade do cuidado nos territórios e

serviços de saúde amazonenses.
Palavras-chave: Saúde de populações indígenas; Enfermagem; Atenção Primária à Saúde; Competência cultural; Amazonas.

ABSTRACT

Nursing practice in Indigenous health requires technical and intercultural competencies, together with an understanding of territorial conditions and service organization. This study aimed to analyze the challenges and care strategies related to nursing practice in Indigenous Primary Health Care in Amazonas. This integrative literature review adopted a qualitative, descriptive approach. Searches were conducted in SciELO, the Virtual Health Library, and PubMed, using combinations of the keywords Indigenous health; nursing; Primary Health Care; Amazonas; challenges; and intercultural care; Publications from 2022 to 2026 were considered; prioritizing studies conducted in Amazonas and using research from other contexts as supplementary evidence; Information was organized into three thematic areas: territorial barriers and care organization; intercultural communication and professional education; and strategies for improving care and Indigenous participation; The findings highlighted transportation difficulties; infrastructure limitations; excessive workloads; language barriers; and problems with coordination among services; The literature also emphasized the need to recognize traditional knowledge and strengthen professional education for culturally appropriate care; The strategies discussed included continuing professional education; territorial planning; inclusive communication; use of health information; and community participation in decision-making; The diversity of study contexts and designs limited the generalizability of the findings; The review concludes that improving nursing practice in Indigenous health

requires adequate working conditions; coordination across the healthcare network; and Indigenous leadership; combining clinical safety; respect for cultural diversity; and continuity of care across territories and health services in Amazonas.
Keywords: Health of Indigenous Peoples; Nursing; Primary Health Care; Cultural Competency; Amazonas.

1. INTRODUÇÃO

A atenção à saúde dos povos indígenas exige o reconhecimento da diversidade cultural, linguística e territorial e das desigualdades que interferem no acesso aos serviços. A organização do cuidado envolve a articulação entre conhecimentos profissionais, práticas tradicionais e formas próprias de compreender a saúde e o adoecimento. Entretanto, a literatura identifica barreiras estruturais e institucionais que comprometem a efetivação de uma assistência integral e culturalmente adequada (Ahmadpour *et al.*, 2023; Santos, 2025).

No Brasil, a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS), em 1999, representou um marco na organização da assistência a esses povos. Sua atuação articula-se à Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), orientada pelo respeito às especificidades étnicas, culturais, sociais e epidemiológicas. A concretização dessas diretrizes depende da relação entre as normas, a gestão e as práticas desenvolvidas nos territórios, incluindo a participação indígena nas decisões sobre o cuidado (Cunha *et al.*, 2023; Pontes, 2025).

A organização territorial do subsistema ocorre por meio dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), responsáveis pelo planejamento e pela organização das ações das equipes

multidisciplinares. Nesse contexto, a Atenção Primária à Saúde (APS) ocupa posição fundamental na promoção da saúde, na prevenção de agravos e no acompanhamento das necessidades individuais e coletivas. A continuidade da assistência exige, ainda, articulação com os demais serviços do SUS, especialmente quando são necessários exames, avaliações especializadas e internações (Cunha *et al.*, 2023; Ahmadpour; Turrini; Camargo-Plazas, 2023).

No Amazonas, a atenção à saúde indígena apresenta desafios relacionados às distâncias, às condições de deslocamento e à organização dos serviços em territórios diversos. Cerri e Garnelo (2024), ao analisarem práticas assistenciais no Alto Rio Solimões, discutem as relações entre a implementação da política e o trabalho das equipes. Feitosa e Pontes (2024), no DSEI Alto Rio Negro, evidenciam diferentes sentidos atribuídos à atenção diferenciada, incluindo as condições de atuação profissional e a relação com a medicina tradicional. Esses estudos demonstram a importância de compreender o cuidado a partir das particularidades de cada território.

A enfermagem participa das ações assistenciais, educativas e de organização do cuidado, mantendo contato com os usuários, seus familiares e as comunidades. Monteiro *et al.* (2023) identificam, contudo, dificuldades relacionadas à localização das aldeias, à sobrecarga de trabalho, às barreiras linguísticas e às condições inadequadas de atuação. Em pesquisa realizada em uma unidade básica de saúde de Manaus, Vital *et al.* (2023) também destacam desafios de comunicação e a necessidade de formação profissional voltada às especificidades da população indígena.

A qualificação dessa assistência requer competências que integrem conhecimento técnico e compreensão intercultural. O reconhecimento dos saberes tradicionais, a escuta e a construção compartilhada das condutas favorecem relações de cuidado compatíveis com as necessidades dos diferentes povos. Castro *et al.* (2025), ao discutirem as contribuições da linguística e da semiótica para a enfermagem, ressaltam a relevância da comunicação inclusiva e da mediação entre diferentes formas de compreender e expressar as experiências de saúde.

Os obstáculos também envolvem a gestão e a integração entre os serviços. Ahmadpour, Turrini e Camargo-Plazas (2023), em estudo realizado em um serviço de referência no Amazonas, relacionam a resolutividade ao cuidado cultural, à educação permanente, ao acolhimento e à infraestrutura. Thomazinho (2024), em outro contexto estadual, acrescenta à discussão as dificuldades de coordenação e o racismo institucional. Embora situados em cenários distintos, esses trabalhos contribuem para compreender como a organização da rede interfere no acesso e na continuidade da assistência.

Diante desse cenário, estabelece-se a seguinte questão norteadora: quais desafios e estratégias relacionados à atuação da enfermagem na saúde indígena são descritos na literatura, considerando a Atenção Primária à Saúde no Amazonas? A investigação justifica-se pela necessidade de sistematizar conhecimentos que subsidiem a qualificação profissional, a comunicação intercultural e a organização do cuidado. Os estudos realizados em outros territórios são considerados como contribuição complementar, preservando as particularidades do contexto amazonense.

Assim, este estudo tem como objetivo analisar, por meio de revisão integrativa da literatura, os desafios e as estratégias de cuidado relacionados à atuação da enfermagem na saúde indígena na Atenção Primária à Saúde no Amazonas, considerando a organização do SasiSUS, as atribuições profissionais e as barreiras territoriais, culturais e de gestão que interferem na assistência.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Organização da Atenção à Saúde dos Povos Indígenas

A atenção à saúde dos povos indígenas deve ser compreendida em relação aos processos históricos de violência, às desigualdades sociais e às disputas pelo reconhecimento de direitos. Esses processos interferem nas condições de vida e nas relações estabelecidas com os serviços públicos. Cáceres *et al.* (2026) discutem mecanismos de abandono e precarização, mas também destacam o protagonismo indígena na construção de alternativas de cuidado. Santos (2025) acrescenta a persistência de iniquidades e a necessidade de qualificar a assistência a partir das especificidades desses povos.

A organização do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS), criado em 1999, constituiu um marco na estruturação dos serviços. Sua atuação articula-se às diretrizes da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), que orientam a atenção integral e diferenciada. Entretanto, a existência de normas não assegura, por si só, sua concretização: a implementação envolve decisões de gestão, recursos, participação social e relações entre os diferentes atores responsáveis pelo cuidado (Cunha *et al.*, 2023; Pontes, 2025).

Os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) organizam o planejamento e o trabalho das equipes multidisciplinares nos territórios. A Atenção Primária à Saúde reúne ações de promoção, prevenção, acompanhamento e assistência, articuladas aos demais níveis do SUS. As Casas de Saúde Indígena (CASAI), por sua vez, integram o apoio aos usuários que necessitam de atendimento fora de suas comunidades, envolvendo acolhimento e articulação com os serviços de referência (Cunha *et al.*, 2023; Ahmadpour; Turrini; Camargo-Plazas, 2023).

A resolutividade dessa rede depende de condições materiais, profissionais e organizacionais. Ahmadpour *et al.* (2023) identificam dificuldades relacionadas à interculturalidade, à educação em saúde, ao acesso e aos recursos de gestão. Reis *et al.* (2022) acrescentam a importância das informações produzidas pelo Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena para subsidiar o planejamento local. Dessa forma, registros qualificados e uso das informações integram a organização de respostas compatíveis com as necessidades dos territórios.

No Amazonas, Cerri e Garnelo (2024) analisam a implementação da política no Alto Rio Solimões e evidenciam a importância de examinar as práticas assistenciais em seu contexto. Feitosa e Pontes (2024), no Alto Rio Negro, demonstram que a atenção diferenciada envolve as condições de trabalho, as diferenças culturais e a relação com os itinerários terapêuticos indígenas. Esses estudos reforçam que a organização dos serviços exige aproximação com as experiências e prioridades de cada povo.

2.2. Enfermagem na Saúde Indígena

A enfermagem participa do acompanhamento dos usuários, da realização de cuidados, das ações educativas e da organização do trabalho em saúde indígena. Essa atuação ocorre em diferentes espaços assistenciais e exige articulação entre conhecimento técnico, compreensão territorial e respeito à diversidade cultural. Monteiro *et al.* (2023) destacam a relevância da equipe e identificam dificuldades relacionadas ao acesso às aldeias, à sobrecarga, às barreiras linguísticas e às condições inadequadas de trabalho.

As atribuições dos enfermeiros e dos técnicos de enfermagem devem ser desenvolvidas conforme suas competências profissionais, em colaboração com os demais integrantes das equipes. A participação dos agentes indígenas de saúde contribui para aproximar os serviços das comunidades e para o reconhecimento de necessidades locais. Cerqueira *et al.* (2023), ao relatarem capacitações no Território Indígena Xingu, descrevem a cooperação entre profissionais, agentes indígenas e técnicos de enfermagem indígenas, evidenciando a importância de atividades formativas vinculadas ao território.

O processo de enfermagem também requer adequação às particularidades do contexto assistencial. Castro *et al.* (2025), em pesquisa realizada em uma CASAI do Distrito Sanitário Especial Indígena Guamá-Tocantins, examinam os desafios e as adaptações necessários à integração das especificidades culturais e étnicas ao cuidado. Embora situado fora do Amazonas, o estudo contribui para discutir a organização da assistência, preservando as diferenças entre os serviços e as populações atendidas.

A comunicação constitui uma dimensão essencial dessa prática. Em pesquisa realizada em uma unidade básica de saúde de Manaus,

Vital *et al.* (2023) identificaram dificuldades relacionadas às diferenças linguísticas e à compreensão das práticas culturais pelos profissionais. Esses resultados demonstram a necessidade de reconhecer as interpretações dos usuários sobre o adoecimento e o tratamento, evitando reduzir os desencontros assistenciais a uma suposta resistência das comunidades.

A formação profissional precisa contemplar essas demandas. Castro *et al.* (2024), ao discutirem a formação de enfermeiros e enfermeiras indígenas, relacionam inclusão, diversidade e equidade. Em estudo sobre linguística e semiótica, Castro *et al.* (2025) acrescentam a relevância da tradução, da interpretação e de ferramentas de comunicação que respeitem as diferentes formas de expressão e compreensão da saúde.

O diálogo com os conhecimentos tradicionais também integra a qualificação da assistência. Nascimento *et al.* (2025) abordam contribuições da medicina tradicional indígena para a formação em enfermagem. No Amazonas, Farias *et al.* (2024) analisam as perspectivas de estudantes indígenas de medicina e enfermagem sobre o cuidado nos acidentes ofídicos, evidenciando a existência de diferentes referências terapêuticas. A aproximação entre esses trabalhos reforça a importância de construir condutas por meio de escuta, negociação e reconhecimento dos saberes envolvidos, com atenção à segurança clínica.

2.3. Desafios e Estratégias da Enfermagem na Atenção Primária à Saúde Indígena no Amazonas

A atuação da enfermagem no Amazonas envolve condições territoriais que interferem no acesso e na continuidade do cuidado.

As distâncias entre comunidades e serviços, a disponibilidade de transporte e as características dos trajetos precisam integrar o planejamento assistencial. Farias *et al.* (2023), ao investigarem acidentes ofídicos em comunidades do Alto Rio Negro e do Alto Rio Solimões, identificam diferenças no acesso ao tratamento relacionadas à organização dos serviços e às condições de deslocamento. Embora direcionado a um agravo específico, o estudo demonstra a relevância da logística para o atendimento oportuno.

Essas questões articulam-se às condições de trabalho e à gestão. Cunha *et al.* (2023) discutem os avanços e limites do planejamento das equipes, enquanto Monteiro *et al.* (2023) identificam sobrecarga e insuficiência de condições para a assistência. Vicente *et al.* (2022), em pesquisa realizada no Polo Base de Dourados, Mato Grosso do Sul, acrescentam elementos sobre as demandas profissionais e suas repercussões. Essa contribuição oferece uma comparação com outro contexto, sem representar evidência direta sobre as equipes do Amazonas.

A atenção diferenciada também exige enfrentar barreiras de comunicação e relações assimétricas entre profissionais e usuários. Feitosa e Pontes (2024) mostram que, no Alto Rio Negro, os sentidos atribuídos a essa diretriz envolvem as diferenças culturais, a medicina tradicional e as condições de atuação das equipes. Vital *et al.* (2023), no contexto urbano de Manaus, reforçam a necessidade de formação voltada à compreensão das experiências indígenas. Portanto, as estratégias de cuidado devem considerar tanto as comunidades situadas nos territórios quanto os indígenas atendidos na rede urbana.

A educação permanente constitui uma resposta importante, desde que vinculada às necessidades concretas do serviço e construída com participação indígena. A experiência de Cerqueira *et al.* (2023), no Xingu, demonstra a contribuição da cooperação entre instituições, profissionais e comunidades na organização de capacitações. No contexto amazônico, Silveira *et al.* (2025) desenvolveram um guia de cuidados de enfermagem à população indígena com câncer. Embora direcionado à atenção oncológica, o trabalho oferece contribuição complementar à discussão sobre materiais educativos e cuidado culturalmente diferenciado.

A integração entre os serviços representa outro desafio. Ahmadpour, Turrini e Camargo-Plazas (2023) identificam, em uma CASAI no Amazonas, a relevância do acolhimento, da infraestrutura, da educação permanente e da negociação no processo de trabalho. Thomazinho (2024), em pesquisa situada em Mato Grosso do Sul, discute dificuldades de coordenação e racismo institucional. A aproximação entre essas fontes evidencia a necessidade de comunicação entre os pontos da rede e de responsabilidades definidas para o acompanhamento dos usuários.

A participação indígena deve integrar a identificação de prioridades e a avaliação das ações. Silva e Neves (2024), ao analisarem experiências de gestão da pandemia, destacam estratégias de mobilização e atuação dos povos indígenas. Essa perspectiva dialoga com Cáceres *et al.* (2026), que ressaltam a agência indígena diante das desigualdades. Reconhecer esse protagonismo significa construir ações com as comunidades, considerando suas decisões e formas de organização.

Dessa maneira, o fortalecimento da enfermagem na Atenção Primária à Saúde Indígena no Amazonas exige articulação entre planejamento territorial, condições de trabalho, comunicação intercultural e participação comunitária. A qualificação do cuidado depende de profissionais preparados e de serviços capazes de sustentar o acompanhamento, o acesso aos recursos e a continuidade assistencial. Essas medidas devem respeitar as particularidades de cada povo e reconhecer os conhecimentos indígenas na construção das práticas de saúde (Cerri; Garnelo, 2024; Feitosa; Pontes, 2024; Santos, 2025).

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, considerando a coerência entre objetivo, seleção das fontes e análise das informações (Braga, 2026). As buscas foram realizadas na SciELO, na Biblioteca Virtual em Saúde e no PubMed, utilizando combinações das palavras-chave “saúde indígena”; “enfermagem”; “Atenção Primária à Saúde”; “Amazonas”; “desafios” e “cuidado intercultural”; Foram consideradas publicações de 2022 a 2026 relacionadas à atuação da enfermagem na saúde indígena; com prioridade para estudos realizados no Amazonas e utilização complementar de pesquisas de outros contextos; As informações foram organizadas em eixos temáticos sobre atribuições profissionais; barreiras assistenciais e estratégias de cuidado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da literatura evidenciou que a atuação da enfermagem na saúde indígena envolve desafios territoriais, organizacionais e interculturais. As publicações abordaram dificuldades de acesso,

condições de trabalho, comunicação, formação profissional e articulação entre os serviços. Também apresentaram estratégias relacionadas à educação permanente, à participação indígena e ao reconhecimento dos conhecimentos tradicionais.

O Quadro 1 sintetiza as referências utilizadas na discussão, distinguindo os estudos realizados no Amazonas daqueles que oferecem fundamentação nacional ou contribuições de outros contextos. Essa diferenciação evita atribuir ao estado resultados produzidos em outras realidades assistenciais.

Quadro 1. Literaturas utilizadas na análise da atuação da enfermagem na saúde indígena

Referência	Contexto ou natureza da publicação	Contribuição para a discussão
Reis *et al.* (2022)	Avaliação do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena.	Discute potencialidades e desafios das informações para apoiar a gestão local.
Vicente *et al.* (2022)	Estudo sobre profissionais do Polo Base de Dourados, Mato Grosso do Sul.	Acrescenta evidências sobre condições de trabalho, demandas profissionais e organização das equipes.
Ahmadpour *et al.* (2023)	Revisão de escopo sobre resolutividade no SasiSUS.	Identifica barreiras relacionadas à interculturalidade, ao acesso, à educação e aos recursos de gestão.
Ahmadpour, Turrini e Camargo-Plazas (2023)	Estudo em serviço de referência no Amazonas.	Relaciona a resolutividade ao cuidado cultural, à educação permanente, à negociação, ao acolhimento e à infraestrutura.

Cerqueira *et al.* (2023)	Relato de capacitações no Território Indígena Xingu.	Apresenta a cooperação entre instituições, profissionais e comunidades na formação de agentes e técnicos indígenas.
Cunha *et al.* (2023)	Estudo sobre planejamento e gestão do trabalho no SasiSUS.	Analisa a organização das equipes multidisciplinares e os limites do planejamento assistencial.
Farias *et al.* (2023)	Pesquisa sobre acidentes ofídicos no Alto Rio Negro e no Alto Rio Solimões, Amazonas.	Evidencia diferenças de acesso ao tratamento relacionadas aos serviços disponíveis e às condições de deslocamento.
Monteiro *et al.* (2023)	Revisão de escopo sobre assistência de enfermagem.	Identifica dificuldades territoriais, sobrecarga, barreiras linguísticas e condições inadequadas de atuação.
Vital *et al.* (2023)	Pesquisa com equipe de enfermagem de uma UBS de Manaus.	Discute comunicação, reconhecimento das especificidades indígenas e necessidade de formação profissional.
Abreu *et al.* (2024)	Estudo sobre adequação do pré-natal oferecido a mulheres indígenas.	Contribui para discutir características maternas, organização dos serviços e avaliação do cuidado.
Casagranda *et al.* (2024)	Pesquisa em hospital de referência no Mato Grosso do Sul.	Acrescenta a perspectiva da atenção especializada sobre os desafios do atendimento aos usuários indígenas.
Castro *et al.* (2024), sobre formação indígena	Estudo teórico-reflexivo.	Relaciona formação de enfermeiros indígenas, direitos humanos, diversidade e equidade.

Castro *et al.* (2024), sobre cursos de enfermagem	Estudo documental sobre distribuição de cursos e inclusão indígena.	Amplia a discussão sobre acesso à formação e oportunidades educacionais.
Cerri e Garnelo (2024)	Pesquisa etnográfica no Alto Rio Solimões, Amazonas.	Examina a implementação da política nas práticas assistenciais das equipes.
Farias *et al.* (2024)	Pesquisa com estudantes indígenas de medicina e enfermagem na Amazônia brasileira.	Discute a relação entre conhecimentos indígenas e biomédicos no cuidado aos acidentes ofídicos.
Feitosa e Pontes (2024)	Pesquisa no DSEI Alto Rio Negro, Amazonas.	Analisa os sentidos da atenção diferenciada e sua relação com o trabalho e os itinerários terapêuticos.
Silva e Neves (2024)	Análise de experiências de gestão da pandemia.	Destaca estratégias de mobilização, participação e atuação dos povos indígenas.
Thomazinho (2024)	Estudo sobre coordenação dos serviços em Mato Grosso do Sul.	Discute dificuldades de integração, comunicação e enfrentamento do racismo institucional.
Castro *et al.* (2025), sobre processo de enfermagem	Pesquisa em CASAI do DSEI Guamá-Tocantins.	Analisa desafios e adaptações para integrar especificidades culturais à organização do cuidado.
Castro *et al.* (2025), sobre linguística e semiótica	Estudo teórico-reflexivo.	Fundamenta estratégias de comunicação inclusiva e formação intercultural.

Nascimento *et al.* (2025)	Estudo sobre medicina tradicional na formação em enfermagem.	Discute contribuições dos conhecimentos indígenas para a formação e as práticas profissionais.
Pontes (2025)	Debate sobre a produção de normativas do SasiSUS.	Contribui para interpretar as relações entre política, participação e implementação.
Santos (2025)	Revisão crítica sobre assistência à saúde indígena no Brasil.	Sistematiza desigualdades, desafios e possibilidades de qualificação do cuidado.
Silveira *et al.* (2025)	Desenvolvimento de guia de enfermagem em serviço oncológico no Amazonas.	Oferece contribuição complementar sobre cuidado culturalmente diferenciado e materiais educativos.
Cáceres *et al.* (2026)	Revisão integrativa sobre saúde indígena no Brasil.	Discute precarização, desigualdades e protagonismo indígena na construção de alternativas de cuidado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas publicações relacionadas no quadro.

4.1. Barreiras Territoriais, Condições de Trabalho e Organização da Assistência

As publicações reunidas no Quadro 1 indicam que a continuidade do cuidado depende das condições de acesso e da organização dos serviços. No Amazonas, Farias *et al.* (2023) identificaram diferenças no acesso ao tratamento de acidentes ofídicos entre comunidades do Alto Rio Negro e do Alto Rio Solimões. Os resultados relacionam-se à disponibilidade de transporte, aos serviços de referência e às

condições de navegação. Embora o estudo aborde um agravo específico, demonstra que a resposta assistencial exige planejamento compatível com os trajetos e os recursos existentes.

Essa dimensão territorial dialoga com Cerri e Garnelo (2024), que analisam as práticas assistenciais no Alto Rio Solimões. A aproximação entre os trabalhos evidencia a importância de examinar como as diretrizes da política são executadas nos territórios. Para a enfermagem, o planejamento das atividades precisa considerar deslocamentos, disponibilidade de insumos e possibilidades de acompanhamento, evitando que as ações se restrinjam a atendimentos descontínuos.

A organização do trabalho constitui outro ponto recorrente. Cunha *et al.* (2023) discutem os avanços e limites do planejamento das equipes multidisciplinares, enquanto Monteiro *et al.* (2023) identificam sobrecarga e condições inadequadas de atuação. Vicente *et al.* (2022), em Dourados, acrescentam evidências sobre demandas profissionais e dificuldades de conciliação entre trabalho e descanso. Esse último estudo oferece uma comparação relevante, mas não permite afirmar que suas condições sejam reproduzidas de maneira equivalente no Amazonas.

A resolutividade também depende da articulação entre os pontos da rede. Ahmadpour, Turrini e Camargo-Plazas (2023), em serviço de referência no Amazonas, identificam a relevância do acolhimento, da infraestrutura, da educação permanente e da negociação no cotidiano profissional. Thomazinho (2024), em outro contexto estadual, acrescenta problemas de comunicação e coordenação entre serviços, associados ao racismo institucional. Em conjunto,

essas fontes demonstram que a dificuldade de acesso envolve fatores geográficos e relações institucionais.

A atenção especializada contribui para compreender os encaminhamentos e a continuidade assistencial. Casagranda *et al.* (2024) abordam desafios identificados por profissionais de um hospital de referência no Mato Grosso do Sul. Abreu *et al.* (2024), ao examinarem a adequação do pré-natal, acrescentam elementos sobre características maternas e serviços de saúde. Essas publicações ampliam a discussão sobre a rede, sem representar evidências diretas da atuação da enfermagem na APS amazonense.

Por fim, Reis *et al.* (2022) destacam o potencial das informações para apoiar a gestão local. A análise conjunta indica que o planejamento territorial exige registros capazes de orientar prioridades, acompanhar necessidades e subsidiar decisões. A produção de dados, entretanto, precisa estar vinculada ao seu uso pelas equipes e gestores, contribuindo para respostas assistenciais compatíveis com a realidade das comunidades.

4.2. Comunicação Intercultural, Conhecimentos Tradicionais e Formação Profissional

A comunicação aparece como uma dimensão central da assistência. Vital *et al.* (2023), em pesquisa realizada em Manaus, identificaram dificuldades relacionadas às diferenças linguísticas e à compreensão das práticas culturais. Esses resultados dialogam com Feitosa e Pontes (2024), que analisam os sentidos da atenção diferenciada no Alto Rio Negro. A aproximação entre os estudos evidencia que o cuidado intercultural exige compreender como os usuários

interpretam o adoecimento, os tratamentos e as relações com os serviços.

Nesse contexto, as diferenças entre profissionais e usuários não devem ser interpretadas automaticamente como recusa ao cuidado. A revisão de Ahmadpour *et al.* (2023) identifica a desvalorização dos conhecimentos tradicionais e a insuficiência de capacitação entre os obstáculos à resolutividade. Assim, dificuldades de entendimento também expressam limites da organização assistencial e da preparação das equipes para o diálogo.

Castro *et al.* (2025), no estudo sobre linguística e semiótica, aprofundam essa discussão ao abordarem tradução, interpretação e comunicação inclusiva. A contribuição é teórico-reflexiva e oferece fundamentos para práticas que reconheçam diferentes formas de expressão. Seu uso na assistência requer adaptação às línguas, aos contextos e às necessidades de cada comunidade, sem presumir a existência de uma única estratégia adequada a todos os povos.

A relação entre conhecimentos indígenas e biomédicos também se destaca. Farias *et al.* (2024), ao analisarem as perspectivas de estudantes indígenas sobre acidentes ofídicos, apresentam experiências de aproximação entre essas referências. Nascimento *et al.* (2025) acrescentam contribuições da medicina tradicional à formação em enfermagem. Esses trabalhos sustentam a importância de construir condutas por meio de escuta e negociação, com reconhecimento dos conhecimentos envolvidos e atenção à segurança clínica.

A inclusão indígena na formação profissional constitui uma dimensão complementar. Os dois trabalhos de Castro *et al.* (2024),

sobre formação de enfermeiros indígenas e distribuição dos cursos de enfermagem, relacionam oportunidades educacionais, diversidade e equidade. Essas publicações ampliam o debate ao reconhecer os indígenas como produtores de conhecimento e profissionais de saúde, além de usuários dos serviços.

A aplicação dessas perspectivas ao cuidado também exige organização profissional. Castro *et al.* (2025), no estudo sobre processo de enfermagem em uma CASAI do DSEI Guamá-Tocantins, discutem desafios e adaptações relacionados às especificidades culturais. Embora realizado em outro contexto, o trabalho contribui para refletir sobre registros, planejamento e acompanhamento. A leitura integrada das fontes indica que competências interculturais precisam atravessar a formação e a prática cotidiana, evitando que permaneçam apenas como orientação abstrata.

4.3. Estratégias de Qualificação, Participação Indígena e Continuidade do Cuidado

As estratégias identificadas na literatura articulam educação permanente, participação comunitária, organização dos serviços e enfrentamento das desigualdades. Monteiro *et al.* (2023) e Ahmadpour *et al.* (2023) evidenciam que a qualificação profissional precisa acompanhar melhorias nas condições de trabalho. A capacitação, isoladamente, não resolve dificuldades de transporte, infraestrutura, disponibilidade de profissionais e integração da rede.

Cerqueira *et al.* (2023), em relato de experiência no Território Indígena Xingu, apresentam a cooperação entre instituições, comunidades, agentes indígenas de saúde e técnicos de enfermagem indígenas na realização de capacitações. A experiência

oferece uma referência para discutir atividades formativas relacionadas às necessidades territoriais. Entretanto, sua natureza descritiva não permite concluir que a iniciativa produziu efeitos equivalentes em outros locais.

No Amazonas, Silveira *et al.* (2025) desenvolveram um guia de cuidados de enfermagem à população indígena com câncer. O material foi elaborado em contexto oncológico e, portanto, constitui contribuição complementar à APS. Sua relevância para a discussão está na construção de orientações culturalmente diferenciadas a partir das experiências dos profissionais. A utilização de materiais desse tipo exige adequação ao serviço e avaliação de sua aplicação.

A participação indígena representa outro componente fundamental. Silva e Neves (2024), ao analisarem experiências de gestão da pandemia, destacam formas de mobilização e atuação dos povos indígenas. Cáceres *et al.* (2026) ampliam essa abordagem ao discutirem a agência indígena diante da precarização e das desigualdades. Esses trabalhos indicam que a organização do cuidado deve reconhecer as comunidades como participantes das decisões, incluindo a identificação de prioridades e a avaliação dos serviços.

Pontes (2025) acrescenta uma reflexão sobre a produção das normativas e os atores envolvidos nesse processo. Em diálogo com Cerri e Garnelo (2024), essa perspectiva evidencia que a distância entre diretrizes e práticas exige análise das condições concretas de implementação. Para a enfermagem, isso implica integrar as necessidades identificadas no atendimento às discussões de planejamento e gestão.

A síntese de Santos (2025) reforça a persistência de iniquidades e a necessidade de respostas articuladas. No recorte amazonense, Feitosa e Pontes (2024), Vital *et al.* (2023) e Ahmadpour, Turrini e Camargo-Plazas (2023) oferecem evidências sobre comunicação, atenção diferenciada e organização assistencial. A aproximação dessas fontes sustenta estratégias que combinem escuta, educação permanente, planejamento territorial e articulação entre serviços.

Dessa forma, a qualificação da atuação da enfermagem na APS indígena no Amazonas exige intervenções contínuas, construídas com participação dos povos atendidos. O reconhecimento dos conhecimentos tradicionais, o apoio às equipes e a definição de responsabilidades na rede integram esse processo. As publicações oferecem contribuições complementares, mas seus diferentes contextos e desenhos limitam generalizações e exigem interpretação conforme o alcance de cada estudo.

5. CONCLUSÃO

A atuação da enfermagem na saúde indígena no Amazonas exige uma organização assistencial compatível com as condições dos territórios. As dificuldades de deslocamento, a insuficiência de recursos e as limitações na articulação entre os serviços comprometem o acesso e a continuidade do cuidado. Seu enfrentamento requer planejamento territorial, condições adequadas de trabalho e uso das informações de saúde para orientar decisões.

A comunicação intercultural e o reconhecimento dos conhecimentos tradicionais são fundamentais para uma assistência respeitosa e segura. A formação profissional deve incorporar a

diversidade linguística e cultural, fortalecer a escuta e favorecer a construção compartilhada das condutas, respeitando a autonomia dos povos indígenas.

A qualificação do cuidado depende da integração entre educação permanente, apoio institucional e participação indígena no planejamento e na avaliação das ações. Fortalecer a enfermagem nesse contexto significa assegurar recursos, valorizar os profissionais e reconhecer as comunidades como protagonistas de sua saúde, sustentando uma atenção integral, equitativa e culturalmente adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Gislaine Recaldes de *et al.* Adaptation of prenatal care offered to indigenous women: maternal characteristics and health services. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 29, n. 12, e08722024, 2024. DOI: 10.1590/1413-812320242912.08722024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/c6zxvbqdWvDkzNvDh663ZMf/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

AHMADPOUR, Bahiyyeh *et al.* Resolutividade no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no Brasil: revisão de escopo. **Trabalho, Educação e Saúde,** Rio de Janeiro, v. 21, e02227226, 2023. DOI: 10.1590/1981-7746-ojs2227. Disponível em: https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/2227. Acesso em: 6 nov. 2026.

AHMADPOUR, Bahiyyeh; TURRINI, Ruth Natalia Teresa; CAMARGO-PLAZAS, Pilar. Resolutividade no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS): análise em um serviço de referência no

Amazonas, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1757–1766, 2023. DOI: 10.1590/1413-81232023286.13672022. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/csc/2023.v28n6/1757-1766/pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

BRAGA, Ecson Gama. Fundamentos Teóricos da Metodologia da Pesquisa Científica: da Elaboração do Projeto à Construção do Conhecimento. **Revista Egan,** *[S. l.]*, v. 1, n. 10, p. e0063, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.23696566. Disponível em: https://revistaegan.com.br/index.php/revistaegan/article/view/76. Acesso em: 6 nov. 2026.

CÁCERES, Osvaldo Nelson Villasanti *et al.* Necropolítica, exceção territorial e agência indígena na saúde brasileira: uma revisão integrativa (2019-2025). **Interface — Comunicação, Saúde, Educação,** Botucatu, v. 30, e250609, 2026. DOI: 10.1590/interface.250609. Disponível em: https://interface.org.br/publicacoes/necropolitica-excecao-territorial-e-agencia-indigena-na-saude-brasileira-uma-revisao-integrativa-2019-2025/. Acesso em: 6 nov. 2026.

CASAGRANDA, Fabiana *et al.* A saúde indígena na atenção especializada: perspectiva dos profissionais de saúde em um hospital de referência no Mato Grosso do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 40, n. 6, e00094622, 2024. DOI: 10.1590/0102-311XPT094622. Disponível em: https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/8623. Acesso em: 6 nov. 2026.

CASTRO, Nádile Juliane Costa de *et al.* Formação de enfermeiros e de enfermeiras indígenas brasileiros: entre direitos humanos,

valorização da diversidade e inclusão. **Revista Brasileira de Enfermagem,** Brasília, DF, v. 77, n. 5, e20230430, 2024. DOI: 10.1590/0034-7167-2023-0430pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/cwWrWthsvNwnPZDYXmLLN9H/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

CASTRO, Nádile Juliane Costa de *et al.* Linguistics and semiotics in indigenous and non-indigenous people's training and performance in nursing. **Revista da Escola de Enfermagem da USP,** São Paulo, v. 59, e20250023, 2025. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2025-0023en. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/66yVKTLqM6SvzyMYxY5tyCt/?lang=en. Acesso em: 6 nov. 2026.

CASTRO, Nádile Juliane Costa de *et al.* Mapping of nursing courses and interfaces with the inclusion of indigenous students. **Texto & Contexto — Enfermagem,** Florianópolis, v. 33, e20240084, 2024. DOI: 10.1590/1980-265X-TCE-2024-0084en. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/6mK9rzqHfTXJzwyBNnbpbkv/?lang=en. Acesso em: 6 nov. 2026.

CASTRO, Nádile Juliane Costa de *et al.* Processo de enfermagem em um serviço de atenção à saúde de populações indígenas. **Escola Anna Nery,** Rio de Janeiro, v. 29, e20250041, 2025. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2025-0041pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/BRCKjdKLLNRfpND6r4kGBvB/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

CERQUEIRA, Damiane Santos *et al.* Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância — AIDPI: relato de experiência no Território Indígena Xingu. **Saúde Coletiva (Barueri),** Barueri, v. 13, n. 88, p.

13303–13313, 2023. DOI: 10.36489/saudecoletiva.2023v13i88p13303-13313. Disponível em: https://www.revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3129. Acesso em: 6 nov. 2026.

CERRI, Roberta Aguiar; GARNELO, Luiza. Implementação da Política de Saúde Indígena: uma análise etnográfica das práticas assistenciais no Alto Rio Solimões. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 29, n. 12, e08202024, 2024. DOI: 10.1590/1413-812320242912.08202024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/8WzJyMgLx7wW6Yd9VdbvbHg/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

CUNHA, Maria Luiza Silva *et al.* Planejamento e gestão do processo de trabalho em saúde: avanços e limites no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena do SUS. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 32, n. 3, e220127pt, 2023. DOI: 10.1590/S0104-12902023220127pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bxbwqr5yK4VXZYhshXtpttN/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

FARIAS, Altair Seabra de *et al.* Bridges between two medical realities: perspectives of Indigenous medical and nursing students on snakebite care in the Brazilian Amazon. **Nursing Inquiry,** [S. l.], v. 31, n. 4, e12667, 2024. DOI: 10.1111/nin.12667. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/nin.12667. Acesso em: 6 nov. 2026.

FARIAS, Altair Seabra de *et al.* Snakebite envenomations and access to treatment in communities of two indigenous areas of the Western Brazilian Amazon: a cross-sectional study. **PLOS Neglected Tropical Diseases,** [S. l.], v. 17, n. 7, e0011485, 2023. DOI:

10.1371/journal.pntd.0011485. Disponível em: https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0011485. Acesso em: 6 nov. 2026.

FEITOSA, Maria Rosineide Gama; PONTES, Ana Lucia de Moura. Os sentidos da atenção diferenciada para os profissionais de saúde no DSEI Alto Rio Negro-AM, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 29, n. 12, e07052024, 2024. DOI: 10.1590/1413-812320242912.07052024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/SkgrPjHgtS8pgFL5kQZsWmM/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

MONTEIRO, Marcelo Anderson Cavalcante *et al.* Assistência de enfermagem à saúde das populações indígenas: revisão de escopo. **Cogitare Enfermagem,** Curitiba, v. 28, e88372, 2023. DOI: 10.1590/ce.v28i0.88372. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cenf/a/79WhpknWS8dyj5PfHj8kMvL/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

NASCIMENTO, Vagner Ferreira do *et al.* Traditional indigenous medicine in the training of nurses and subsidies for advanced practices. **Acta Paulista de Enfermagem,** São Paulo, v. 38, n. esp. 1, 2025. DOI: 10.37689/acta-ape/2025SPE09p. Disponível em: https://acta-ape.org/en/article/traditional-indigenous-medicine-in-the-training-of-nurses-and-subsidies-for-advanced-practices/. Acesso em: 6 nov. 2026.

PONTES, Ana Lucia de Moura. O dito e o não dito no contexto da produção das normativas do Sasi-SUS. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação,** Botucatu, v. 29, e250241, 2025. DOI: 10.1590/interface.250241. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/icse/a/gsH3RsrPPT6KXQFPrjXrGRy/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

REIS, Ana Cristina *et al.* Estudo de avaliabilidade do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena: potencialidades e desafios para apoiar a gestão em saúde no nível local. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 38, n. 5, ePT021921, 2022. DOI: 10.1590/0102-311XPT021921. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/QP8M3wDTSfp7RxtgYS4hfDt/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

SANTOS, Manoel Antônio dos. Desafios, oportunidades e iniquidades persistentes na assistência à saúde indígena no Brasil: análise crítica da produção científica. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 34, n. 4, e240777pt, 2025. Publicação eletrônica em: 23 fev. 2026. DOI: 10.1590/S0104-12902025240777pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/FCbgWRhHQPs9TfxXkwZdqzh/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

SILVA, Cristina Dias da; NEVES, Rita de Cássia Maria. Políticas de saúde e povos indígenas: experiências de gestão da pandemia de covid-19. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 33, n. 3, e240346pt, 2024. DOI: 10.1590/S0104-12902024240346pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pbjrVsR7zXtvGf5m8Jf8nsP/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

SILVEIRA, Lorena Barros da *et al.* Guia de cuidados de enfermagem à população indígena com câncer no contexto amazônico. **Revista Gaúcha de Enfermagem,** Porto Alegre, v. 46, e20240229, 2025. DOI: 10.1590/1983-1447.2025.20240229.pt. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/rgenf/a/qTPz3MxXbJP3C5N7xkFPb6b/abstract/?lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

THOMAZINHO, Gabriela. Descoordenação a serviço do racismo institucional: considerações sobre o acesso de indígenas à política de saúde. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 33, n. 2, e230408pt, 2024. DOI: 10.1590/S0104-12902024230408pt. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/sausoc/2024.v33n2/e230408pt/pt. Acesso em: 6 nov. 2026.

VICENTE, Renata de Matos *et al.* Condições de trabalho dos profissionais de saúde indígena no maior Polo Base do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 38, n. 12, e00110321, 2022. DOI: 10.1590/0102-311XPT110321. Disponível em: https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/8095. Acesso em: 6 nov. 2026.

VITAL, Alice Francalino *et al.* Percepções da equipe de enfermagem no atendimento à população indígena em uma unidade básica de saúde na cidade de Manaus. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem,** [S. l.], v. 23, n. 2, e11741, 2023. DOI: 10.25248/REAEnf.e11741.2023. Disponível em: https://acervomais.com.br/enfermagem/pt_BR/article/view/11741. Acesso em: 6 nov. 2026.

---

[1] Discente do Curso Superior de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Metropolitana de Tefé – FAMETRO. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Discente do Curso Superior de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Metropolitana de Tefé – FAMETRO. E-mail: acesse o artigo

original para visualizar o e-mail

[3] Mestre e Docente da Faculdade Metropolitana de Tefé – FAMETRO.

E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail